

DOSSIÊ TEMÁTICO: Pesquisas em História da Educação: desafios passados e contemporâneos

 <https://doi.org/10.22481/praxisedu.v16i38.5997>

POSTS NA PÁGINA DO DOM BOSCO RONDONIENSE: HISTÓRIAS ESCOLARES NO FACEBOOK

POSTS ON THE DOM BOSCO RONDONIAN PAGE: FACEBOOK SCHOOL STORIES

POSTERS EM LA PÁGINA DEL DOM BOSCO RONDONIENSE: HISTORIAS
ESCOLARES EM EL FACEBOOK

Robson Fonseca Simões

Universidade Federal de Rondônia - Brasil

Resumo: A vocação deste artigo é a de refletir sobre as postagens dos sujeitos nos territórios fluidos da web, mais especificamente na página do Colégio Dom Bosco rondoniense no *Facebook*; nessa acepção, traz para a discussão os *posts* que circulam num tempo de redes sociais virtuais, buscando contribuir para os estudos sobre os lugares de memórias da escolarização. Os registros compartilhados, possíveis fontes para a historiografia da Educação, exibem as memórias sobre o tempo escolar. Quais as motivações dos usuários nessa página virtual? Nesse ímã de interação, os usuários desempenham papéis indicadores das ações cotidianas, expondo os lugares, as relações, as representações escolares. Nesse contexto, cabe à tela, a capacidade de revelar as memórias escolares vividas no espaço midiático, na quais, os produtores e receptores manejam a linguagem, postam imagens, com vistas à produção de sentidos sobre a vida na instituição de ensino rondoniense. Estudos de Lima (1993) e Cantanhede (1950) anunciam que desde 1933, as aulas com Música, Teatro, sessões de cinema faziam parte das ações educativas dessa instituição de ensino. A pesquisa aborda os variados temas surgidos nas postagens dos novos e antigos estudantes do educandário: saudades dos amigos, debate sobre o Patrimônio cultural em Porto Velho, assim como as atividades que praticaram na escola. Valho-me dos estudiosos Certeau (1982), Chartier (2002), Lévy (1999) e Sibilía (2008) para me ajudar a pensar que as postagens na rede social do *Facebook* também representam valores, atividades cotidianas e práticas educativas que permitem o conhecimento institucional para além dos estudos historiográficos.

Palavras-chave: História da educação. Página do *facebook*. Redes sociais virtuais.

Abstract: The vocation of this article is to reflect on the subjects' posts in the fluent territories of the web, more specifically in the page of the Don Bosco rondonian's school in Facebook; in this sense, brings to the discussion the posts that circulate in a time of virtual social networks, seeking to contribute to the studies on the places of memories of schooling. Shared records, possible sources for the historiography of Education, depict memories about school time. What are the motivations of users on this virtual page? In this magnet of interaction, users play roles indicating daily actions, exposing places, relationships, school representations. In this context, it is the canvas, the ability to reveal the school memories lived in the media space, in which producers and recipients manage the language,

post images, with a view to producing meaning on life in the rondonian teaching institution. Studies of Lima (1993) and Cantanhede (1950) announce that since 1933, classes with Music, Theater, cinema sessions were part of the educational actions of this educational institution. The research addresses the various topics that have arisen in the posts of the new and old students of the school: missing friends, a debate about the Cultural Heritage in Porto Velho, as well as the activities they practiced in school. I am drawn from the scholars Certeau (1982), Chartier (2002), Lévy (1999) and Sibilia (2008) to help me think that Facebook posts also represent values, daily activities and educational practices that allow knowledge beyond historiographic studies.

Keywords: History of education. Facebook page. Virtual social networks.

Resumen: La vocación de este artículo es la de reflexionar sobre las posturas de los sujetos en los territorios fluidos de la web, más específicamente en la página del Colegio Don Bosco rondoniense en Facebook; en esta acepción, trae para la discusión los posts que circulan en un tiempo de redes sociales virtuales, buscando contribuir a los estudios sobre los lugares de memorias de la escolarización. Los registros compartidos, posibles fuentes para la historiografía de la Educación, exhiben las memorias sobre el tiempo escolar. ¿Cuáles son las motivaciones de los usuarios en esta página virtual? En este imán de interacción, los usuarios desempeñan papeles indicadores de las acciones cotidianas, exponiendo los lugares, las relaciones, las representaciones escolares. En este contexto, cabe a la pantalla, la capacidad de revelar las memorias escolares vividas en el espacio mediático, en la que los productores y receptores manejan el lenguaje, ponen imágenes, con vistas a la producción de sentidos sobre la vida en la institución de enseñanza rondoniense. Los estudios de Lima (1993) y Cantanhede (1950) anuncian que desde 1933, las clases con Música, Teatro, sesiones de cine formaban parte de las acciones educativas de esa institución de enseñanza. La investigación aborda los variados temas surgidos en las posturas de los nuevos y antiguos estudiantes del educandario: nostalgia de los amigos, debate sobre el Patrimonio cultural en Porto Velho, así como las actividades que practicaron en la escuela. En el caso de las mujeres, la mayoría de las veces, la mayoría de las veces, la mayoría de las veces, institucional más allá de los estudios historiográficos.

Palabras clave: Historia de la educación. Página de facebook. Redes sociales virtuales.

De olho na telinha: introdução

*Dom Bosco
Porto Velho
Rumo aos 80 anos
Tradição e Qualidade (1932/2012)¹*

Na tentativa de se poderem investigar as histórias e memórias do colégio Dom Bosco² de Porto Velho/Rondônia, que também estão presentes no *Facebook*, a vocação deste artigo³ é a

¹Escrita retirada do *Facebook* em 06/09/2018, na página inicial do Colégio Dom Bosco, em Porto Velho, Rondônia, postada na sua Página Inicial em 27 de fevereiro de 2011.

² Trata-se de uma instituição de ensino particular pioneira na História da Educação em Porto Velho, no estado de Rondônia. Os estudos de Catanhede (1950) anunciam que o Colégio Dom Bosco, inicialmente conhecido como Ginásio Dom Bosco, foi reconhecido pelo governo federal através da Portaria n. 521, no dia 31 de agosto de 1946.

de trazer para a discussão os *posts* que circulam nesse espaço virtual. Os registros mantêm acesas as chamadas de participação dos usuários junto à vida escolar, trazendo à baila as outras histórias de escolas, que talvez, não tenham sido inventariadas em outros documentos oficiais, anunciando, portanto, as experiências dos sujeitos junto à instituição de ensino rondoniense. Nesse sentido, este debate procura ampliar os estudos da historiografia da Educação, oferecendo outros repertórios⁴ de fontes que também relatam histórias das vidas escolares contadas pelos sujeitos na *web*.

A epígrafe, com a escrita da primeira página nesta rede social, oferece uma homenagem ao pioneirismo daquele colégio do território rondoniense; como um ponto de partida, no esforço em poder revisitar a história da instituição de ensino, tomando os *posts* como brindes à tradição e a qualidade diante dos 80 anos da sua existência⁵, conferindo-lhe valor e qualificação na vida estudantil daquela instituição de ensino da região norte.

Os olhares de Thomson (1997) para as inúmeras fontes de pesquisa destacam que o historiador deve ficar atento ao universo das versões sobre o passado, que se acumulam ao longo do tempo, a pluralidade de vozes dos sujeitos, fornecidas por diferentes locutores/suportes: fábulas, lendas, músicas, artefatos, escritas, imprensa, mídia, enfim, desse modo é possível pensar em tipologias diversas que mantêm vivas as histórias e os significados históricos, oferecendo, portanto, repertórios variados com múltiplas representações aos investigadores que contemplam dados vivenciados por inúmeras gerações.

As preocupações deste debate, nessa acepção, miram-se em se poder refletir que as postagens na página da rede social *Facebook* também representam valores, atividades cotidianas e práticas educativas que permitem o conhecimento institucional para além dos documentos institucionais. As redes sociais virtuais são também feitas de produções e sentidos, permitindo-nos elaborar e compartilhar os novos significados construídos em trânsito e em processo do que “parece estar ao alcance de nossos olhos e de nossas mãos lembrando um sonho muito antigo da humanidade, que se poderia resumir em duas palavras: universalidade e interatividade” (CHARTIER 1999, p.126).

³Este texto é uma incursão na pesquisa de Pós-doutoramento (2018) intitulada “Mergulhos nas escritas do norte: memórias e histórias escolares na rede social do *Facebook*”, desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (ProPEd/UERJ), sob a supervisão da Professora Titular Dra. Ana Chrystina Venancio Mignot, que conta com o apoio do PNPd/CAPES.

⁴Os arquivos foram gravados entre os dias 01/09/2018 a 10/09/2018. As postagens dos usuários foram selecionadas e gravadas a partir da visita deste pesquisador àquela página virtual do *Facebook*. Estudos de Simões (2018) ajudam a refletir sobre os horizontes de confiabilidade nas postagens nas redes sociais virtuais.

⁵ Compreendidos entre os anos de 2012 e 1932.

Os estudos de Simões (2018) sugerem que quando alguém se propõe a apresentar o passado escolar é porque tem em mente fixar um sentido na sua trajetória, tecendo um caminho com seleções de acontecimentos, que podem ocultar/desvelar omissões, na medida em que se orienta na busca de significados. As histórias escolares contadas no *Facebook* também ganham sentido na medida em que vão sendo apresentadas, destacadas, com imagens, discursos, relatos, acumulando-se umas com as outras, de modo que a significação se constrói no momento mesmo em que o sujeito compartilha as suas histórias e experiências escolares.

Quais as motivações dos usuários nessa rede social? Tentando pensar este espaço virtual como possível guardião dos traços culturais de uma época, ao desenvolver as postagens no silêncio e na solidão do espaço privado⁶, observam-se os *posts* de fora⁷ visando à captação dos olhares alheios, tornando, portanto, visíveis e públicas, as suas histórias escolares. O sujeito, como é sinalizado por Bakhtin (1999, p.169): “narra a sua vida insinua-se nela, de modo imediato, através dos outros, através dos narradores”.

Com o incremento das tecnologias da informação, abre-se um leque de possibilidades para refletir sobre as técnicas utilizadas pelos usuários da rede ao criarem os seus espaços de interlocução porque “os dispositivos informativos penetram e se entrecruzam no mais íntimo do sujeito” (LÈVY, 1999, p.86). A página do colégio Dom Bosco Porto Velho/RO no *Facebook* parece instigar os sujeitos a permanecerem ligados aos seus amigos do tempo de escola, ou quem sabe, procura convidar os usuários dessa rede social a continuarem amigos ao longo dos anos, o que pode ser examinado na figura a seguir.

⁶ O diário pessoal escrito no quarto, em surdina, por exemplo.

⁷ Os diários pessoais que são tornados públicos, pela exposição na rede.

Figura 1- Página adaptada do Colégio Dom Bosco Porto Velho RO no Facebook



Fonte: <https://www.facebook.com/domboscovh>. Acesso em 06/09/2018.

Não é difícil perceber nas palavras postadas pelo usuário Michael Kruse, no canto superior esquerdo da página⁸, a postagem que procura demonstrar saudades dos seus amigos⁹: “Olá, tem algum grupo de ex-alunos amigos da 5 e 6 série de 92 e 93, época que morei em Porto Velho?”. O *post* me ajuda entender que não existe um tipo exato, obrigatório e específico de documento para atestar os questionamentos históricos; os documentos são proveitosos e dotados de significados porque “é indispensável que o historiador possua ao menos um verniz de todas as principais técnicas de seu ofício” (BLOCH, 2001, p.81).

A utilização de outras redes sociais virtuais seriam estratégias que os sujeitos do tempo da *internet* colocam em ação para responder a essas novas demandas socioculturais, balizando outras formas de ser e estar no mundo (SIBILA, 2008). Por seu turno, a textualidade eletrônica permite desenvolver as argumentações e demonstrações segundo uma lógica não necessariamente linear nem dedutiva, mas que pode ser aberta, clara e racional, graças à multiplicação dos vínculos hipertextuais (CHARTIER, 2008), ou seja, trata-se de um processo de escrita/leitura realizado no ciberespaço não determinado.

⁸ Endereço eletrônico: <<https://www.facebook.com/domboscovh>> Acesso em 06/09/2018.

⁹ Destaca-se que o pesquisador, por opção metodológica, procurou manter na íntegra o arquivo que foi gravado na sua operação historiográfica, empenhando-se em entender que se trata de um espaço público no qual quaisquer usuários e/ou navegantes da rede social do Facebook têm livre acesso na página pesquisada.

A revolução digital com o surgimento do hipertexto, ou seja, de um texto não linear, não sequencial e repleto de *links* que remetem a outros textos, inaugura a possibilidade de diálogo entre escritores e leitores (COSTA, 2006); ora, o hipertexto é o grande personagem propiciador de mudanças nas práticas de escrita/leitura, permitindo supor uma nova caracterização do escritor/ leitor diante do mar da web. É possível perceber que nessas postagens há também troca de ideias e fortalecimento de vínculos afetivos na página Colégio Dom Bosco de Porto Velho no *Facebook*.

Colégio Dom Bosco: protagonismo na História da Educação em Rondônia

Na tentativa de conhecer a história do colégio Dom Bosco em Porto Velho, procurei recorrer aos vários estudiosos que também já se debruçaram na historiografia da Educação em Rondônia (LIMA, 1993; CANTANHEDE, 1950). Os seus estudos ratificam a fundação da Escola Dom Bosco em 1922; datando em 1927, a denominação Colégio Dom Bosco. Ainda destaca que até 1987, só estudavam meninos nessa instituição de ensino.

A pesquisa de Albuquerque (2014) acena que em 1913 foi aberta a primeira escola no Alto Madeira, quando o território geográfico ainda pertencia ao Estado do Amazonas. O autor sinaliza também que, no século XVI, já se percebia nessa região a presença de colonos de diferentes nacionalidades e dos brasileiros, a partir do século XIX, contudo, realçando que não houve nenhum registro de espaço escolar formal naquele espaço até o século XX.

Lima (1993) ratifica que o padre salesiano João Nicoletti e o professor Egydio Bourtnon foram os pioneiros na fundação do Colégio Dom Bosco, em Porto Velho, em 1922; destacando no mesmo estudo as seguintes datas:

Em 1945, inicia o curso ginásial com 170 alunos; em 1945 foi reconhecido pelo governo federal com estabelecimento livre de ensino secundário. Até 1987 só aceitava alunos do sexo masculino. [...] Em seu antigo prédio encontra-se instalada a sede da prelazia e o seminário maior. (LIMA, 1993, p. 12).

As reflexões de Cantanhede (1950) sugerem que a história dessa instituição de ensino confunde-se com o desenvolvimento da cidade de Porto Velho nas três primeiras décadas do século XX, período em que a oferta dos serviços educacionais ainda era escassa na região e a cidade parecia isolada dos grandes centros. Inovando, o Colégio Dom Bosco oferecia aulas com Música, Teatro, sessões de cinema e outras formas de aprender a partir de 1933.

Além disso, é enfatizado também que a primeira pedra para a construção de um novo estabelecimento foi lançada em 1935. A obra do prédio institucional foi concluída três anos depois. A instituição escolar começou a funcionar em forma de internato, atendendo cerca de 400 estudantes. Destaca-se que em 1945, o educandário expandiu as suas instalações, edificando a sede na Rua Almirante Barroso, no centro da cidade, local em que a instituição de ensino se encontra atualmente. Hoje o colégio tem o conforto de várias quadras esportivas, campo de futebol e salas com ar refrigerado em três prédios num mesmo espaço, atendendo a uma média anual de 1000 alunos dos ensinos Fundamental e Médio.

Escola de Rondônia na rede social virtual

Quando o assunto são as redes de sociabilidade, os estudos de Aymard (2009) me ajudam a refletir que ao sujeito nunca faltaram as mediações sociais. Desse modo, percebo que o indivíduo acumula experiências e laços sociais, que em parte serão esquecidos e desfeitos e, em parte o acompanharão pela vida afora, estruturando ou animando seu espaço pessoal e social, mesmo que não haja cartas, lembranças ou escritas íntimas para comprová-las. Assim, sobre os laços sociais dos sujeitos:

Tais laços se conjugam com os da família e do parentesco para criar ao redor de cada indivíduo um conjunto de relações horizontais – com equivalência de idade, sexo ou situação social – ou verticais; em outras palavras, simétricas ou assimétricas, tranquilas ou conflituosas. Pois cada uma delas cria seu sistema de direitos e deveres, que uma casuística sempre mais sutil se empenha em colocar em ordem uma ordem hierárquica que forneça a solução racional e razoável para todos os casos. Sob esse aspecto o verbete "Amizade" da *Encyclopédie*, elaborado pelo Chevalier de Jaucourt, constitui um modelo do gênero. Contrariamente à tradição estoica, que apreciava colocar os problemas em termos de tudo ou nada, não há definição nem código único, e sim "deveres da amizade" que variam "de acordo com seu grau e sua natureza; o que acarreta outros tantos graus e naturezas distintas de deveres" (AYMARD, 2009, p. 440).

Penso, como Muzart (2000); a *internet* reacende o gosto de ler e de escrever, afastando o usuário da máquina de escrever que o ligava à página branca de papel. O computador conecta seu usuário à escrita no branco do vídeo, num ato de liberdade, para partilhar os momentos de vida, as alegrias, tristezas, infortúnios e prazer, espetacularizando a intimidade cotidiana na *web*, com todo um arsenal de técnicas na estilização das experiências dos sujeitos, multiplicando, assim, os números de narrativas para falar de si, que realimentam os códigos apropriados pelos novos gêneros que proliferam na *internet* (SIBILA, 2008).

Na interação fluida da rede social virtual, cabe ao historiador analisar as partes constitutivas de uma dada cultura, o que significa buscar compreender as estratégias utilizadas pelos usuários nas páginas do *Facebook*, como se pode examinar a seguir na poesia postada na rede social.

Figura 2- Página adaptada do Colégio Dom Bosco Porto Velho RO no *Facebook*



Fonte: <https://www.facebook.com/domboscovh>. Acesso em 06/09/2018.

A inspiração literária no post que tomo por “voz” a estudante Claudete Mendes, no canto superior esquerdo da página¹⁰, parece renovar os apelos dos sujeitos, aproximando-se das suas representações sobre a vida escolar. As suas palavras: “alunos são rosas e desabrocham no meio ambiente do coração”, metaforicamente sugerem ternura, afetuosidade, instigando à sensibilidade nos territórios poéticos; assim, é possível admitir que esta escola também seja um lugar de formação de sensibilidades, personalidades, mentalidades, fazendo andar o carrossel da Educação com a formação humana (NÓVOA, 1995), cujo sentido está muito próximo ao meio acolhedor, receptivo e hospitaleiro.

Observo nas postagens da página do Colégio Dom Bosco no *Facebook* tentativas de se compreenderem as histórias da instituição, a partir dos seus respectivos ordenamentos

¹⁰ Endereço eletrônico: < <https://www.facebook.com/domboscovh> > Acesso em 06/09/2018.

discursivos digitados. Sob as lentes das experiências históricas e sociais, os registros escolares saltam aos olhos, aproximando-nos dos estudos de Castillo Gómez (2002) sobre a cultura escrita, que leva em conta os aspectos sociais, culturais, as diferentes formas e funções dos usos da escrita, os mecanismos, os lugares de aquisição, assim como as redes de sociabilidade daqueles que escrevem.

Pude encontrar temas variados nos *posts* publicizados naquela rede social virtual como, por exemplo, o convite para a assinatura da petição online a favor da candidatura da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré para o Patrimônio da Humanidade foi temática presente vinculando a historicidade da estrada de ferro à institucional; as questões da sociedade rondoniense¹¹, que também perpassam pela escola, remetem à História patrimonial e cultural daquela cidade; portanto, os *posts* dos estudantes oferecem possibilidades para pensá-los como fontes que anunciam as experiências escolares com os debates que ocorreram na instituição de ensino, como se pode examinar a seguir.

Figura 3- Página adaptada do Colégio Dom Bosco Porto Velho/RO



Fonte: < <https://www.facebook.com/domboscovh> >. Acesso em 06/09/2018.

¹¹ Estudos de Souza (2004) anunciam que a Estrada de Ferro Madeira-Mamoré (EFMM) foi construída entre 1907 e 1912; a ferrovia de 366 quilômetros de extensão atraiu migrantes do Brasil e do mundo e foi a responsável pelo desenvolvimento da capital no século passado.

As palavras do estudante Sáimon Rio, como num convite para participação dos estudantes, na parte superior esquerda da página, procura instigar os usuários à atuação nessa rede social virtual: “Aê pessoal do Colégio Dom Bosco! Vamos participar desta etapa do projeto que busca tornar a Estrada de Ferro Madeira-Mamoré um Patrimônio da Humanidade pela UNESCO!!!! [...]”. Portanto, o discurso postado pelo usuário na página do *Facebook* se aproxima do debate sobre Patrimônio cultural na cidade de Porto Velho. Nesse sentido, percebe-se, em consonância com o pensamento de Chartier (1999) que ao refletir sobre a cultura da cidade, revelam-se as dinâmicas e métodos de identidade que compõem cada grupo social. As redes sociais virtuais do tempo presente também anunciam parâmetros culturais que condicionam as ações cotidianas, as relações, as hierarquias, representações e lugares.

As reflexões de Porto e Santos (2014) destacam que com a *internet*, foi possível inaugurar e expandir sideralmente o ideal participativo; cada um, simultaneamente, consome, produz e difunde conteúdos. O conteúdo deixa de ser produzido apenas pelos profissionais e passa a ser construído e difundido por cada usuário que, ao mesmo tempo, se torna autor. A consequência é que vivemos um estouro de subjetividade, criatividade e de presença midiática no *Facebook*, com compartilhamento de vídeos, sons, nas redes sociais digitais.

Por sua vez, os estudos de Couto (2014) sublinham que a cotidiana espetacularização do sujeito é progressivamente associada aos espaços de constituição e manutenção de redes sociais na *internet*. A visibilidade (BAUMAN, 2001) tornou-se a marca por excelência das nossas existências conectadas; para ser cada vez mais visível é importante ampliar a frequência de participação e compartilhamento em rede, principalmente utilizar estratégias para chamar a atenção. Portanto, as postagens, os *posts*, as escritas, publicadas no *Facebook* e/ou outras redes sociais digitais, tornam-se interesses culturais de um tempo de *internet*.

Ao procurar pensar sobre a História do tempo presente, a entrevista com Henry Rousso, concedida a Arend e Macedo (2009) me ajuda a entender que foram encontrados novos fenômenos sociais considerados extremamente importantes, sendo que o principal foi a questão da memória;

A noção de memória coletiva teorizada por Maurice Halbwachs nos anos de 1930, não figurava na aprendizagem de um historiador francês da década de 1970. Não líamos Halbwachs. Ele não fez parte dos autores que eu li. A noção de memória coletiva fora reduzida, a grosso modo, à questão dos testemunhos. [...]É isso para mim a História do Tempo Presente. É um manter-se à distância face ao próprio presente, uma tarefa dura (ARENDE; MACEDO, 2009, p. 209).

Os seres humanos são constituídos pelas suas palavras, e no processo de apropriação do saber sobre as suas vidas, também silenciam, omitem, apagam, (re)constróem, ressignificam as suas escritas memorialísticas porque o trabalho de rememoração é “um ato de intervenção no caos das imagens guardadas; assim, o memorialista organiza o passado, e procura atribuir sentidos aos fragmentos rememorados numa tentativa de abraçar o passado” (MALUF,1995, p.28).

Práticas discursivas nas redes sociais digitais: fontes para a historiografia da Educação

As contribuições de alguns elementos da modernidade têm sido responsáveis pela formação cada vez mais líquida (BAUMAN, 2001) da identidade do homem; é nesse cenário que surge o mar da *web* e as suas respectivas redes sociais. Mas o que são essas tais redes sociais? Para responder a esta questão, Recuero (2009, p.154) permite que eu reflita: “uma rede social é definida como um conjunto de dois elementos: atores – pessoas, instituições ou grupos – e suas conexões”. Já Joas (1996) entende que,

[...] A conexão apresentada entre dois atores em uma rede social é denominada laço social; [...] um laço social é composto por relações sociais, que por sua vez, são constituídas por interações sociais. [...] Uma interação social é aquela ação que tem um reflexo comunicativo entre o indivíduo e seus pares; ou seja, trata-se de uma manifestação comunicacional que se constituem relações sociais (JOAS, 1996, p.89).

Sobre as “veracidades” dos textos, concordo com Bergmann (2010) ao ressaltar que, talvez, o mais importante sobre estes questionamentos seja justamente poder entendê-las como o efeito de um conjunto de práticas que, já há algum tempo, tencionam profundamente os domínios tanto da escola como o das novas tecnologias. Nesse sentido e daí a importância de nos aproximarmos desse tipo de material; a força e as possíveis verdades contidas nos meios de comunicação são ampliadas “de uma forma radicalmente diferente do que sucede a um discurso que, por exemplo, opera através das páginas de um livro didático ou de um regulamento disciplinar escolar” (FISCHER, 1996, p. 124)

A escrita, conjunto linguístico utilizado no contexto social e na vida, constitui-se uma das possibilidades do sujeito registrar as suas práticas, as experiências, as ideias, os acontecimentos, ou seja, são representações de um tempo vivido. Narrar no espaço virtual constitui-se também uma produção de memória, e, por conseguinte, um instrumento para

rever o passado. Chartier (1999) lembra que, por meio da escrita, em seus vários suportes, são fixados os “traços do passado, a lembrança dos mortos, ou a glória dos vivos”.

Como num fascínio em convocar as lembranças dos amigos do tempo escolar, os usuários da rede social do Colégio Dom Bosco também postam as suas memórias, revelando as saudades que aquela instituição de ensino deixou para cada um dos sujeitos;

Estudei nessa entidade cultural na época do saudoso padre Oscar, padre Franco, Ademir, Willian, saudoso padre Felinto e outros educadores da época que sempre nos ajudavam a refletir sobre o Meio ambiente que vivíamos. RA, 16/06/2017¹²

A melhor época da minha vida sem dúvida foi nessa escola. Estudava à tarde e só voltava tarde da noite em casa. Depois da aula sempre tinha os treinos de vôlei, futebol no campo bem tratado pela escola, basquete e eu sempre ficava até encerrar tudo [...] RAL, 05/01/2017¹³

Irmã Jana, padre Alberto e professora Ursula, momentos felizes e inesquecíveis da minha vida, do meu irmão e minha família toda. Um tempo de memória alegre em que fazíamos visitas ao Parque Estadual, aproximação ao meio ambiente. CF, 05/01/2017¹⁴

A leveza dos seus estilos, as formas como reconstituem o cotidiano escolar, impulsionam as memórias desses usuários à saudade. Há nestes *posts* uma preocupação em manter-se ligado(a), unido(a) à instituição escolar através das experiências (re)vividas, procurando manter os laços sociais nas fronteiras virtuais. Cabe à tela, ou à mera visibilidade, a capacidade de conceder um brilho extraordinário à vida comum recriada no rutilante espaço midiático (SIBILA, 2009), essa estranha sede de visibilidade que marca as experiências subjetivas contemporâneas. As escritas virtuais nascem com uma vocação exibicionista para serem vistas e lidas por milhões de olhos alheios nas telas da rede mundial de computadores. Os estudos de Viñao (2000) indicam que as escritas virtuais podem ser um grande subsídio que marca a importância na escrita da História da Educação:

Um cambio radical en la nocion de privacidad. En una época en que lo íntimo es rentable o, al menos, puede serlo cuando se convierte em público, y en la que la privacidad virtual sustituye a la privacidad real – o esta última deviene virtual -, escribir diarios personales accesibles de un modo general

¹² Escrita retirada do Facebook em 08/09/2018, na página do Colégio Dom Bosco, em Porto Velho, Rondônia, postada pelo usuário Renato Abreu em 16/06/2017.

¹³ Escrita retirada do Facebook em 08/09/2018, na página do Colégio Dom Bosco, em Porto Velho, Rondônia, postada pelo usuário Rogers Araújo Lima em 05/01/2017.

¹⁴ Escrita retirada do Facebook em 08/09/2018, na página do Colégio Dom Bosco, em Porto Velho, Rondônia, postada pelo usuário Rogers Araújo Lima em 10/05/2017.

a desconocidos- y conocidos- equivale, en el mundo de la nueva cultura escrita, al acto de mostrar, en la pantalla televisiva, los sentimientos y emociones más personales e íntimos (VINÃO, 2000, p.14).

O narrador nos *posts* não busca recuar do presente para reviver, tal como se deram os acontecimentos vividos; recordar é uma atividade orientada pela atualidade, determinada pelo lugar social, referenciada pela gama de significados do imaginário social de um grupo, alimentada pelo relicário da vida pessoal, limitada pelas margens da própria atividade de escrita de quem registra e depende do trabalho de uso dessa memória individual e social.

As escritas virtuais nascem com uma vocação exibicionista para serem vistas e lidas por milhões de olhos alheios nas telas da rede mundial de computadores. Os estudos de Viñao (2000) indicam que as escritas virtuais podem ser um grande subsídio que marca a importância na escrita da História da Educação:

Um cambio radical en la nocion de privacidad. En una época en que lo íntimo es rentable o, al menos, puede serlo cuando se convierte em público, y en la que la privacidad virtual sustituye a la privacidad real – o esta última deviene virtual -, escribir diarios personales accesibles de un modo general a desconocidos- y conocidos- equivale, en el mundo de la nueva cultura escrita, al acto de mostrar, en la pantalla televisiva, los sentimientos y emociones más personales e íntimos (VINÃO, 2000, p.14).

Escrever, portanto, se constitui uma produção de memória, e, por conseguinte, um instrumento para rever o passado; a escrita, na página do Colégio Dom Bosco do *Facebook* também anuncia histórias do cotidiano escolar, das emoções vividas pelos sujeitos. Assim, estas postagens constituem partes fundamentais do tecido das lembranças dos sujeitos que não se intimidam em narrar nessas novas materialidades de escrita, que interessam à História da Cultura Escrita (CASTILLO GOMÉZ, 2002). Estas práticas discursivas relatam os pertencimentos dos sujeitos; são modeladas e remodeladas, produzindo novas significações no momento em que são registradas nas redes sociais, junto aos movimentos linguísticos dos sujeitos.

As esferas da atividade humana, por mais variadas que sejam, estão relacionadas com a utilização da língua. Não é de surpreender que o caráter e os modos dessa utilização sejam tão variados como as próprias esferas da atividade humana [...] O enunciado reflete as condições específicas e as finalidades de cada uma dessas esferas, não só por seu conteúdo temático e por seu estilo verbal, ou seja, pela seleção operada nos recursos da língua – recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais – mas também, e sobretudo, por sua construção composicional (BAKHTIN, 1999, p.55).

Partindo da concepção Bakhtiniana da qual os gêneros são enunciados relativamente estáveis, constituintes de composição e estilo, posso refletir acerca da impossibilidade de pensar em comunicação a não ser por meio de gêneros textuais, entendidos como práticas socialmente constituídas com propósito comunicacional configuradas concretamente em textos (MARCUSCHI, 2000).

Por seu turno, Koch (2010) defende a competência linguística dos falantes da língua, que lhes possibilita interagir de forma conveniente, na medida em que se envolvem em diversas práticas sociais; nessa acepção, é possível afirmar que os gêneros discursivos são vários, assim como são diversas e inesgotáveis as práticas sociais da atividade humana.

Na medida em que essas práticas tornam-se mais complexas, num processo de evolução, os gêneros dos discursos vão sendo incorporados por outros (FREITAS, 2005), passando por uma nova reestruturação. Assim, entendo que essas escritas escolares da rede social do *Facebook*, diferentemente de esgotarem todas as possibilidades de gêneros discursivos, ampliam a discussão sobre as tipologias textuais, mais especificamente, uma estrutura composicional do gênero discursivo internético, oferecendo como fortuna linguística, os depoimentos dos usuários, as suas histórias de um tempo de escola, e os movimentos pela Educação que são produzidos por esses usuários nesse novo suporte textual (SIMÕES, 2018).

No sistema racional há sempre um fundamento emocional; Maturana (1998) sustenta que descortinar correspondências emocionais em procedimentos racionais não são limitações, mas condições e possibilidades. Nesse sentido, as fotografias postadas no *site* revelam histórias, expõem costumes, condutas, narrativas de vida, se misturam com a própria memória, prevenindo o esquecimento e garantindo a perpetuação do fato no tempo. As fotografias não nos esclarecem apenas a História visível, mas, além disso, evidenciam sentimentos. Como bem descreve Carlos Drummond de Andrade na poesia intitulada “Diante das fotos de Evandro Teixeira”, presente na obra “Amar se aprende amando”:

A pessoa, o lugar, o objeto
estão expostos e escondidos
ao mesmo tempo só a luz,
e dois olhos não são bastantes
para captar o que se oculta
no rápido florir de um gesto.

É preciso que a lente mágica
enriqueça a visão humana
e do real de cada coisa

um mais seco real extraia
para que penetremos fundo
no puro enigma das figuras.

Fotografia - é o codinome
da mais aguda percepção
que a nós mesmos nos vai mostrando
e da evanescência de tudo,
edifica uma permanência,
cristal do tempo no papel.

Das luas de rua no Rio
em 68, que nos resta
mais positivo, mais queimante
do que as fotos acusadoras,
tão vivas hoje como então,
a lembrar como a exorcizar?

Marcas de enchente e do despejo,
o cadáver insepultável,
o colchão atirado ao vento,
a lodosa, podre favela,
o mendigo de Nova York
a moça em flor no Jóquei Clube,

Garrincha e Nureyev, dança
de dois destinos, mães-de-santo
na praia-templo de Ipanema,
a dama estranha de Ouro Preto,
a dor da América Latina,
mitos não são, pois são fotos.

Fotografia: arma de amor,
de justiça e conhecimento,
pelas sete partes do mundo
a viajar, a surpreender
a tormentosa vida do homem
e a esperança a brotar das cinzas.
(ANDRADE, 1985, p.63-64)

Ao se aproximarem a seguir da fotografia postada na página do Colégio Dom Bosco no *Facebook* de Porto Velho, é possível serem instigados a reconstruir os caminhos que levam àqueles que as postam para selecionar determinadas fotos, ou mesmo a observar o que está ausente ou em evidência nas imagens.

Figura 5- Página adaptada do Colégio Dom Bosco Porto Velho/RO



Fonte: <<https://www.facebook.com/domboscopvh>> Acesso em 06/09/2018

Compartilhada na rede social, a imagem pode apresentar a disposição dos discentes em estarem juntos, unidos, em um movimento dos estudantes para registrarem a visita da turma na instituição Memorial da cidade. Nesse sentido, concordando com Ciavatta (2002), percebo a grande sedução da imagem na história do que ainda está invisível porque mostrar o invisível é buscar outras visões, outras linguagens e outros discursos.

Considerações Finais

As postagens representam valores culturais, simbólicos, com os modos de proceder na criatividade cotidiana; essas maneiras de apresentar as experiências escolares nas redes sociais também se constituem práticas pelas quais os usuários produzem as suas histórias escolares.

Na tentativa de se poder problematizar os *posts* dos usuários de um tempo de *internet*, na rede social virtual do colégio Dom Bosco no *Facebook*, noto que cabe à tela, a capacidade de conceder um brilho extraordinário à vida comum recriada no rutilante espaço midiático, no qual produtores e receptores manejam a linguagem, postam imagens, fotografias, com vistas à

produção de sentido contada pelos usuários. Nesta acepção, os cliques desses usuários tornam visíveis as suas histórias escolares, demandando novas interpretações.

Sem a pretensão de esgotar o debate sobre as fontes historiográficas da Educação do tempo presente, ao ter acesso às postagens na rede social do Colégio Dom Bosco no *Facebook*, foi possível espiar por uma fresta as histórias escolares, fortalecendo os laços de participação dos estudantes nas causas que perpassam a Educação e a cultura da visibilidade em tempos de *internet* não encontradas em nenhum documento oficial.

Quando o assunto são as imagens, há de se destacar que as fotografias auxiliam na compreensão da história de fatos que, não se configurando em depoimentos ou documentos escritos, permitem revelar aspectos que não foram elucidados por outras formas de registro, reafirmando o potencial da fotografia como documento de investigação histórica, social e cultural.

Mas quem disse que isso é o fim? As postagens na rede social do *Facebook* são como *icebergs* espalhados nos mares virtuais, representando valores culturais, atividades cotidianas, práticas educativas e lugares de memórias da escolarização. Nesse contexto, outras redes sociais da web estarão à disposição dos pesquisadores que, como eu, desejam investigar, pesquisar as histórias das instituições de ensino para além dos estudos bibliográficos.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Marlon Gomes. **Da formação polivalente ao movimento da Educação Matemática: uma trajetória histórica da Formação de Professores de Matemática na Universidade Federal de Rondônia em Ji-Paraná (1988-2012)**. 276 f. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2014. Orientador: Prof. Dr. José Luiz Magalhães de Freitas.

ANDRADE, Carlos Drummond de. **Amar se aprende amando**. Rio de Janeiro: Record, 1985.

AREND, Silvia Maria Fávero; Macedo, Fábio. Sobre a História do tempo presente: Entrevista com o historiador Henry Rousso. **Tempo e Argumento**. Disponível em: <<http://revistas.udesc.br/index.php/tempo/article/view/705/608>> Acesso em 10 set. 2018.

AYMARD, Maurice. Amizade e convivialidade. In: Chartier, Roger. **História da vida privada, da Renascença aos Séculos das Luzes**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p. 439-481.

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1999.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BERGMANN, Leila Mury. Por favor, aula hoje não!: o orkut, os professores e o ensino. In. COUTO, Edvaldo Souza; ROCHA, Telma Brito Rocha (Orgs). **A vida no Orkut: narrativas e aprendizagens nas redes sociais**. Salvador: Eduufba, 2010. P. 57-78.

BLOCH, Marc. **Apologia da História, ou o Ofício do Historiador**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editora, 2002.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade, lembrança de velhos**. São Paulo: Companhia das letras, 2000.

CASTILLO GÓMEZ, Antonio. **História de la cultura escrita**. Madrid, ES: Trea, 2002.

CANTANHEDE, Antonio. **Achegas para a história de Porto Velho**. Manaus: Artes gráficas da Escola Técnica de Manaus, 1950.

CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

CIAVATTA, Maria. **O mundo do trabalho em imagens: a fotografia como fonte histórica (Rio de Janeiro, 1900-1930)**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro: do leitor ao navegador**. São Paulo: Fundação Editora da Unesp, 1999.

COUTO, Edvaldo Souza. Pedagogias das conexões: compartilhar conhecimentos e construir subjetividades nas redes sociais digitais. In: PORTO Cristiane; SANTOS, Edméa Oliveira do. **Facebook e educação: publicar, curtir, compartilhar**. Campina Grande: EDUEPB, 2014. P. 47-66.

DELORY-MOMBERGER, Christine. **Biografia e educação: figuras do indivíduo projeto**. São Paulo: Paulus, 2008.

FIORIN, José Luis. **Elementos de análise do discurso**. São Paulo: Contexto, 2008.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. **Adolescência em discurso: mídia e produção de subjetividade**. (Tese de doutorado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1996.

FONSECA, Thaís Nívia de Lima. História da Educação e História cultural. In: VEIGA, Cynthia Greive; FONSECA, Thais Nivia de Lima e (Orgs). **História e Historiografia da Educação no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008. P. 49-75.

FREITAS, Maria Tereza de Assunção. **Leitura e escrita de adolescentes na internet e escola**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

JOAS, Hans. O interacionismo simbólico. In: GIDDENS, Anthony; TURNER, Jonathan (Orgs.). **Teoria social hoje**. São Paulo: Unesp, 1996. P. 127-174.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **Ler e escrever: estratégias de produção textual**. São Paulo: Contexto, 2010.

- LEJEUNE, Philippe. **O pacto autobiográfico: de Rousseau à internet**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2008.
- LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: Ed. Unicamp, 2003.
- LÈVY, Pierre. **Cibercultura**. Tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Ed. 34, 1999.
- LIMA, Abnael Machado. **Achegas para História da Educação no estado de Rondônia**. Porto Velho: SEDUC, 1993.
- MALUF, Marina. **Ruídos da memória**. São Paulo: Siciliano, 1995.
- MARCUSCHI, Luís Antônio. **Linearização, cognição e referência: o desafio do hipertexto**. Disponível em: <www.pucsp.br/~fontes/ln2sem2006/17Marcus.pdf> Acesso em: 18/07/ 2010.
- MATURANA, Humberto. **Emoções e linguagem na educação e na política**. Belo Horizonte: UFMG, 1998.
- MIGNOT, Ana Chrystina Venancio. Da gaveta à vitrine: exposições sobre a escrita. In: Souza, Elizeu Clementino de (Org.), **Autobiografias, histórias de vida e formação: pesquisa e ensino**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006. P. 207-224
- MUZART, Z. Do navegar e de navegantes. In: MIGNOT, Ana Chrystina Venancio; BASTOS, Maria Helena Camara; CUNHA, Maria Teresa Santos (Orgs.). **Refúgios do eu: educação, história e escrita autobiográfica**. Florianópolis: Mulheres, 2000. P. 181-190
- NICOLACI-DA-COSTA, Ana Maria (Org.). **Cabeças Digitais: O cotidiano na era da informação**. Rio de Janeiro: Ed. PucRio, 2006.
- NÓVOA, Antônio. **Os professores e a sua formação**. 2 ed. Lisboa: Dom Quixote, 1995.
- OLSON, David. **O mundo no papel**. São Paulo: Ática, 1997.
- PORTO, Cristiane; SANTOS, Edméa Oliveira do. **Facebook e educação: publicar, curtir, compartilhar**. Campina Grande: EDUEPB, 2014.
- RECUERO, Raquel. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.
- RODRIGUES, Diogo Moyses. **O Direito Humano à Comunicação: igualdade e liberdade no espaço público mediado por tecnologias**. 166 f. Dissertação (Mestrado em Direito). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010. Orientadora Profª Drª Maria Victoria de Mesquita Benevides.
- SIBILIA, Paula. **O show do eu: a intimidade como espetáculo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.
- SIMÕES, Robson Fonseca. **Memórias digitais: histórias escolares nas comunidades do Orkut**. Appris: Curitiba, 2018.

SOUZA, Márcio. **Breve história da Amazônia**. São Paulo: Marco Zero, 1994.

THOMSON, Alistair. Reconstituo a memória: questões sobre a relação entre história oral e as memórias. **Revista Projeto História – Ética e História Oral**. Programa de Estudos Pós-Graduados em História. São Paulo: EDUC, 1997, P. 51-84.

VIÑAO, Antonio. Las autobiografías, memorias y diarios como fuente histórico-educativa: tipología e usos. In: **TEIAS- Revista da Faculdade de Educação/ UERJ**, n. 1, jun. 2000, p. 82-97.

ZUIN, Antonio Álvaro Soares. **Adoro odiar meu professor: o aluno entre a ironia e o sarcasmo pedagógico**. Campinas: Autores Associados, 2008.

SOBRE O AUTOR:

Robson Fonseca Simões

Pós-doutorando do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (ProPEd/UERJ) junto ao grupo de pesquisa Instituições, Práticas educativas e História. Conta com o apoio do PNPd/CAPES, sob a supervisão da Professora Titular Dra. Ana Chrystina Venancio Mignot. Professor doutor da Universidade Federal de Rondônia (UNIR), campus de Porto Velho, junto ao Núcleo de Ciências Humanas, Departamento de Ciências da Educação. Docente permanente do Programa de Pós-graduação em Educação Escolar, Mestrado Profissional, MEPE/UNIR, na linha de Pesquisa Práticas pedagógicas, Inovações curriculares e tecnológicas. E-mail: fonsim2000@hotmail.com

 <http://orcid.org/0000-0003-0046-9549>

Recebido em: 21 de março de 2019
Aprovado em: 22 de maio de 2019
Publicado em: 01 de janeiro de 2020